

QUINTA-FEIRA
Lisboa--22 de Março-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de

sempre

6-Avença Ex. 110 Sr. Kot

36



five

semanario humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Liii...bra!!...



A bicha - All All All... vens Ferrazi



Os ditos da semana



Nascer no comboio

Hoje, no frenesim da vida moderna, tudo é diferente do passado. Já lá vai o tempo em que a gente nascia no fundo duma caverna ou num fofo leito de penas, no silêncio duma alcova, no socego dum lar.

Agora nasce-se a andar, nasce-se num comboio, que nem ao menos tem a delicadeza de parar para a gente se apear comodamente, como ainda na semana passada succedeu.

Quem nasce não sabe onde nasceu. Daqui a anos, o recém-nascido de ha dias dirá, correndo a mão sobre uma carta geográfica:

—Nasci por aqui algures.

E nunca poderá dizer como os antigos:

—A minha terra.

A terra de quem nasce num comboio, é toda a terra.

Se lhe calhar nascer á passagem duma fronteira, pode não saber a nacionalidade que lhe pertence, e pode até ser meio portuguez, meio espanhol, por exemplo.

Aquele que nascer a cem quilómetros á hora, bem pode tratar de gosar á vida rapidamente, porque muito depressa deve chegar ao pé da morte.

A vida moderna! A febre, o delirio da velocidade!

E Deus que era Deus, levou tanto tempo para fazer o primeiro homem...

Mulheres que sobem

Entre nós as mulheres que descem são, em geral, mulheres que sobem. Descem de raparigas honestas a rascóas, mas sobem do casaquinho de malha ao casaco de peles. Do chinelo de trança ao sapatinho de polimento.

Adquirem na vida dos clubs, ou no convívio da rapaziada fina, um certo verniz, mas por baixo do sapatinho de verniz e do casaco de peles, descobre-se sempre a criada de servir, a filha da mulher a dias.

Podem vestil-as de varinas que elas hão de ser sempre as regateiras que nasceram.

Amorosas, sabem dizer, de ouvido, duas palavras boas, enquanto dura o entusiasmo dos primeiros momentos, por amor ou por dinheiro, mas quando se zangam, logo põem a giga no chão, e então é velas, cobertas de joias, vestidas de sedas, descalçar o chinelo agressivo, e despejar, ás catadupas, as pragas, os palavões, toda a longa escala de insultos, que fizeram da Praça da

Figueira, a primeira linha do front da má criação.

E dão-se ares e vivem vida larga, enquanto o palminho de cara se conserva fresco, mas quando o tempo passa e as primeiras brancas começam a aparecer, estas mulheres que subiram, tornam a descer, regressam á chinela e ao casaquinho de malha e vão esfregar casas.

E quando alguém as olha com desdem, elas que não se esquecem que um dia subiram e foram cortezãs, exclamam enfaticamente:

—Olhe que eu nem sempre fui assim. Conheço o bom e o mau. De comidas, então, conheço tudo, desde o bacalhau com batatas até á galinha coradal!

Não se podia ter subido mais.

Dentada de cão...



—Não penses mais nele.
—Mas custa muito esquecer.
—Ora, dentada de cão, cura-se com pelo de outro cão.

Tabaco nacional

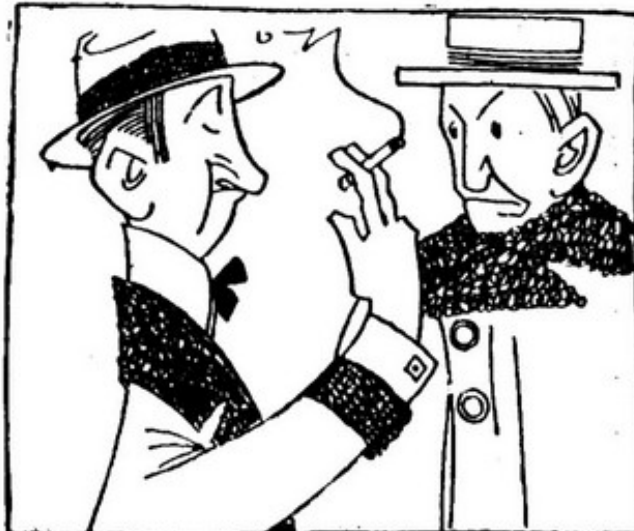
O tabaco nacional, se não fôsse o raciocínio que se faz, de que é para quemimar, não poderia tragar-se. Mas a gente larga-lhe o fogo, chupa-lhe o fumo, e deita-o logo fóra, e não vale portanto a pena ninguém ralar-se muito, porque ele não presta.

Além disso o tabaco não é genero de primeira necessidade. Não se compreende mesmo porque anda toda a gente de cigarrinho na boca, senão se lór por este prazer que todos nós sentimos de deitar fumo para a cara dos parceiros. Que neste mundo tudo é fumo. E' fumo a equipagem que passa a tróte largo, arrotando abastança, é fumo o discurso do político e do não político, a promessa de reedção que nos fazem os governos, é fumo a ponte sobre o Tejo e a reparação das estradas, fumo é tudo que nos prometem e não nos dão.

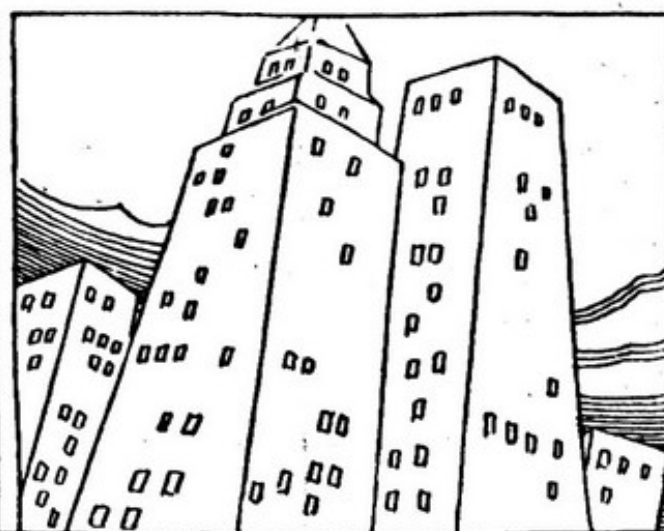
E todo esse fumo se faz sem cigarros.

Só não é fumo a miséria que nunca se dissipa.

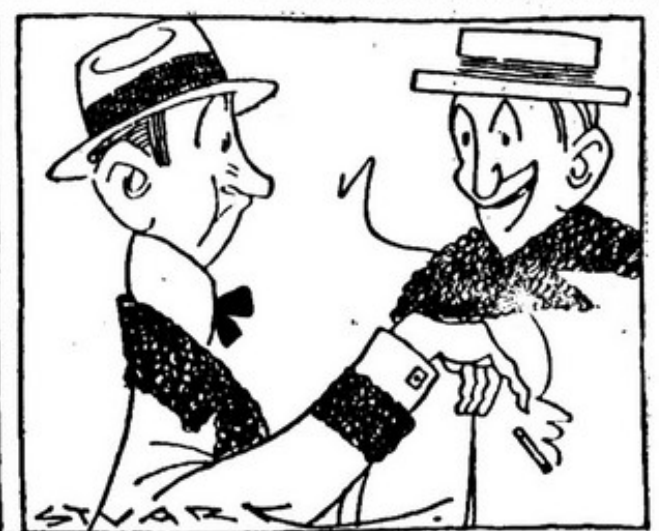
Já agora não vale a pena ralar-se a gente, porque os «Antoninos» são apimentados, porque as «Sereias» sabem a peixe, talvez devido á sua origem marítima, porque os «Tagus» são feitos de lixo e porque o «Francez» é ornamentado com azas de barata e talos de couve. Não vale a pena. Vem aí a *Tabaqueira* que promete dar-nos obra fina. O *Sempre Fixe* já provou dos cigarros que a *Tabaqueira* tem em embrião. O *Fixe* fuma os mesmo antes de nascerem. Fuma-os antes de tempo mas pode declarar, alto e bom som, que não fumou um aborto. São bons, e os que fumamos foram baratos, ao contrario dos da Companhia que são baratas.



—Sabes lá, meu velho, as coisas extraordinárias que eu acabo de vêr na America!



—Em New-York as casas são tão altas que se leva um dia para chegar ao ultimo andar!...



—Isso não é nada! Na minha terra as casas são tão baixas que só podemos comer... linguadol!

Um homem tesíssimo

O explorador Traga-balas tinha-se internado no mato em busca duma cabra brava ou duma gazela, animais de que ele apreciava para a manipulação de saborosos petiscos.

Acompanhava-o um criado preto chamado Geribau, que carregava com uma tenda de lona e alguns utensílios de cozinha.

Vaguearam todo o dia sem que os almeçados bichos se dignassem aparecer. Aproximando-se a noite, Traga-balas deliberou armar a barraca e dormir ali, para no dia seguinte prosseguir a caçada, porventura mais feliz do que naquele dia. Ingerida a refeição, que Geribau transportara em latas daquelas que servem para os jantares aos domicílios, o explorador deitou-se sobre uma manta, fumou um cigarro e, pouco a pouco, as palpebras foram-se cerrando, até que adormeceu profundamente.

Geribau, que acendera uma fogueira, sentara-se á porta da barraca. Em volta, a escuridão, o silêncio, apenas de longe em longo cortado pelo pio lugubre dum passaro que habita aquela zona, conhecido pelo nome de *afonso gato*.

Às tantas da noite, Geribau ouviu um urro de leão e, sem saber explicar, todos os cabelinhos do seu corpo se puzeram logo de pé, rijos e aguçados como se fossem agulhas de gramofone, e, entrando de gatas na tenda, sacudi delicadamente Traga-balas, dizendo-lhe:

— Sió! Sió! Leão grande!

Traga-balas, muito ensonado, apenas respondeu:

— Deixa-o lá. Não lhe digas náda.

Instantes depois, novo urro se ouviu, mais perto e mais formidável, portanto. Geribau abanou o ano, com mais força, dizendo-lhe:

— Sió! Sió! Leão grande *di más!*

Traga-balas limitou-se a proferir uns sons ininteligíveis e ficou-se silencioso.

Momentos depois, novamente Geribau entrou na barraca, mas desta vez fazendo-se acompanhar dum aroma que não era nem de Coty, nem de Houbigant, e, sacudindo furiosamente o explorador, disse-lhe, a tremer como varas verdes:

— Sió! Sió! Leão aqui á porta!

Traga-balas abriu os olhos, fitou o preto e perguntou:

— Aqui mesmo á porta? Manda entrarl...

E voltou-se para o outro lado.

M. A. Caco Velho.



O infeliz que teve a triste ideia de se enamorar da mulher da faroleiro.

TAC-TAC-TAC

A historia do conselheiro

O conselheiro Pompilio — Mem Pompilio Vicitas — era, de seu natural, bom conversador e dado á narrativa de picaras historietas, que seu publico preferido — o Tragadanas e o dr. Bigodes — ouvia recolhido em delectoso pasmo.

Guardava, porém, ciosamente, o melhor do seu repertorio para as solenes ceias semanais, que os três amigos, ás terças-feiras, realizavam, e até parecia ao vulgo que Pompilio era parco de faculdades oratorias, se de lhe espalharem a fama de bom narrador seus dois compadres se não houessem encarregado, por serões de familia e conluio de botequins.

Ora, como tambem de esquivo houesse criado o renome, maior empenho concebera Madame Vargas em ouvi-lo discretar, servindo-o, como acepipo raro, aos convidados, que, para festejar seu natalicio, havia reunido nesse dia.

Pompilio, que fora ali levado pelo maior — afeito a frequencias sem escólia — começou a sentir-se desilustrado ao ouvir certos ditos frescalhões á mesma dona da casa e á outras damas que ella lhe apresentara como hospedes.

Porque — esquecera-me de dizelhes — Madame Vargas tinha uma pensão onde, segundo era voz corrente, se comia menos mal e muito melhor era o passado no tocante a risonhos entretenimentos.

Voltando ao conselheiro, que já pigarreava desconfiado, vê-lo-hemos, nesse dado momento, aflito pelas instancias de Madame Vargas, «que queria uma historia».

— Conte, conte, sr. conselheiro — pediam em coro as aflautadas vozes das senhoras convidadas.

— Conte, Pompilio! — corroborava o outro, já muito enfrascado no Porto-Velho.

— O sr. Pompilio, conte só uma anedotasinha! — insistia a Vargas.

Era demasiado! Pompilio, perante o comprometedor diminutivo, resolvera-se, por fim.

— Pois lá vai! — annunciou, limpan-do o escarrinho do catarro. — Lá vai a historia da Arca de Noé...

— Ai, que engraçada! — comentou Madame Vargas.

— Engraçadissima, Madame Vargas; engraçadissima!

E logo começou:

«Ora, um dia, começou a chover muitissimo e o Padre Eterno aproveitou a occasião para fazer o Diluvio. Mandou ao Noé que fizesse uma arca melida num bote e que nela se metesse com a mulher e com um macho e a respectiva femea de cada familia animal.

«Assim se fez, e os tempos foram passando sem mais novidade. Mas,

uma tarde, já Noé roncava a um canto da arca, quando rebenta um banzé de seiscentos diabos, que até parecia uma assembleia geral da C. P. O que foi? O que não foi? E entra, desembestado, pelo quarto do Noé dentro, o leão furibundo.

— O que é que vocecê quer, ó setr leão? — perguntou algo atontto Noé.

— Quero — respondeu a hirsuta fera — quero saber o que faz o patriarca enquanto o sr. Bode anda p'r'ahi a desencaminhar as esposas de cada um.

— Pois isso é lá possivel, ó leão?

— E' sim, meu Pai! O Bode estava ás voltas com a Leão, quando agora mesmo os surpreendi.

— Lá só ás voltas... Se não foi mais nada...

— O resto só o poderel saber quando vir a cabeça do meu futuro primogenito.

— Chamem-me lá esse canalha! — gritou Noé, indignadissimo.

«O Bode veio e desculpou-se com o pretexto de que se enganara na porta por estar tudo ás escuras.

— O quê? Nem lhe reparou na cabeça, seu malandrim?...

«E Noé, sem esperar mais resposta, apostrofou o Bode e pregou-lhe dois sopapos valentes no focinho.

«Toda a gente ficou julgando que a paz voltaria a reinar, calma, no ambiente almiscarado da mansão eleita. Mas qual! Dias depois, era o Carneiro a queixar-se do Bode, pelo mesmo delito. E, dias depois, foi o Burro que veio queixar-se e, atraz do Burro, veio o gato e, atraz do gato, o kanguriu...

«O Bode andava todo mordido, es-coucinhado, arranhado, ferido... — mas não tomava emenda nenhuma!

«Até que uma bela manhã, quem veio queixar-se foi o galo.

— O quê?! — gritou aflito o pobre Noé. Tambem com a galinha?!...

«Livido, mandou tocar a silencio e reunir toda aquela tropa na tojda. O Bode ouviu, cabisbaixo, a accusação detalhada dos seus desvarios pecaminosos, até que Noé, pegando-lhe nas barbas...

— Ai que o maróto vai ser castigado! — interrompeu Madame Vargas.

O conselheiro parou, um momento; vagueou o olhar pela assembleia e continuou calmamente:

«...E, pegando-lhe nas barbas, sacudindo-as com força, disse ao Bode em voz sotrna:

— Já para a rua, seu peste! Então isto é a Arca de Noé ou você julga que é a Pensão de Madame Vargas?...»

Cirano de Velhofrac.



— Mas que raiva tem o teu cão áquele sujeito!
— Pudera, ele chama-se Coelho...

Recordar é viver

Aqueles dos infelizes que lutam desesperadamente pela vida e que um dia, conseguindo chegar a um elevado degrau da escada da fortuna, se despenham dela, batendo estrondosamente no chão da desgraça, são mais dignos de lastima que os sempre pobres mas sempre fixos chamados — *sem vintem*.

Pertence ao numero dos primeiros o sr. Narciso da Purificação, que eu em tempos conheci de automovel e palacete e hoje encontro sem uma corôa para o electrico e sem ao menos habitar as classicas aguas-furtadas dos desgraçados como etc.

— Recordar é viver, meu bom amigo — dizia-me ele ha dias, aparentemente satisfeito — e eu só vivo de recordações: recordo a minha casa, o meu conforto, o meu automovel, tudo; quando caminho, transporto-me na recordação do meu «Fiat»; adianto o passo, aumento a velocidade; quando succede tropeçar e cair, digo: «lá se rebentou um pneumatico».

O Narciso ia recordando, vivendo. De subito, estaca, lembra-se de que não tinha comido nesse dia e, absor-to por qualquer recordação, encaminha-se para um restaurante chic. Eu sigo-o, intrigado. Ao chegar, o Narciso mete a mão no algibeira do seu muito coçado colete e, sacando de lá uns escudos, poucos, avança para o criado e diz-lhe:

— Toma, rapaz!

Era o unico dinheiro que possuia, mas, como recordar é viver, recordou e viveu o final dum dos seus optimos jantares: a gorgeta do criado...

C. Rano.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rue Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estalman)

Companhia de Seguros Garantia

Da direcção desta Companhia recebemos uns abre-cartas, brinde que muito agradecemos.

CAMINHOS DE FERRO

Redução de passagens a Estudantes

Veio ha dias a publico a noticia de que a Administração da C. P., tinha concedido a redução de 50 0/0 aos estudantes do Algarve, quando viajassem na linha do Sul e Sueste. Informam-nos daquela Companhia, que esta noticia não tem fundamento, podendo apenas attribuir-se ao facto da C. P. ter concedido a um grupo de alunos da Escola Medica de Lisboa, a redução de 50 0/0 de Lisboa a Faro, ida e volta, quando da viagem daqueles estudantes a Tanger e Sevilha.



— E tu estás contente por a mamã estar doente?
— Naturalmente. O papá dá-nos mais doce...

Elevador da Gloria

Algumas anedotas de judeus, de dois grandes humoristas franceses, Bienstock e Curnousky:

Meyer chega ao céu e é conduzido á presença do Padre Eterno.

— Senhor, queria entrar no Paraíso.

— Impossível! Sei que foste um jogador.

— É verdade, mas apelo para a vossa misericórdia, que é infinita.

— Já te disse que não podes entrar.

— Senhor, escuta a minha súplica! Vamos jogar as cartas. Se perder, vou para o Inferno; se ganhar, entro no Paraíso.

Deus, sorrindo, aceita o alvitre. Um anjo traz uma maço de cartas. Partem e Deus joga em primeiro lugar e ganha. Meyer, aflito, acode logo:

— E agora, se faz favor, nada de milagres, ouviu?

Mosché e Arom estão no hospital, onde ocupam leitos visinhos. Ambos sofrem de reumatismo. O seu tratamento consiste em massagens. Enquanto Mosché grita de dor, Arom permanece sorridente. Quando o massagista abandona a sala, o primeiro pergunta em voz plangente:

— Dize-me, Arom, como se explica que eu sinta tantas dores durante o tratamento e tu não sentes nada?

— Pensas, então, que sou tão tolo que dê a perna enferma ao massagista?... Dou-lhe a outra...

A scena passa-se na sinagoga de Varsovia. Os fiéis, envoltos em amplas opas, de compridos cabelos, discutem o valor dos profetas Isaias, Elias, Samuel, Abraão, etc.

Desfilam todos os patriarcas, menos o de Moysés, que um imprudente invoca. Ergue-se imediatamente um côro de protestos:

— Moysés é um mau, um pessimo profeta. Se não tivesse saído do Egipto, arrastando o povo a traz de si, viveriamos ali ainda felizes, ganhando libras egypcias, em lugar destes desgraçados marcos polacos.

Dizem a um israelita que um seu homónimo pede dinheiro emprestado, fazendo-se passar por ele.

— Ontem viram-no em casa do milionario Levy, esclarece o informador.

— É espantoso! — grita, furioso, o judeu.

Depois, dulcificando a voz, pergunta:

— Deram-lhe muito?

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

ADMISSAO DE PESSOAL

Soldadores electricos

Admitem-se nas oficinas desta Companhia. Para tratar dirigir-se á Repartição do Gabinete desta Divisão, na estação de Santa Apolonia.

Lisboa, 10 de Março de 1928.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.



— Que se faz quando se encontra um objecto perdido na rua?

— Espera-se um ano e um dia e, se o dono não apparece, o objecto é nosso.

— Um ano e um dia? E eu que achei uma omolete de camarão!...

Uma cronica

JA' CRONICA

como tantas outras...

Homem inventivo e profundo, cheio de colera contra todas as vulgaridades, fiquei-me hoje a pensar no modo de escrever uma cronica original, — mas o todo original, inédito, impensado por agora, e que fosse cronica e ao mesmo tempo não fosse. Coisa sem precedentes, nascendo de geração espontanea. E o *Fixe* ganharia certamente a celebridade...

Podia, por exemplo, escrevê-la numa só linha através de todas as columnas, em curva, zigzagueante, indo e vindo, caindo e subindo, até perder-se no tipo final, lançar-se fóra da gazeta, subir pelo leitor acima — nesse caso leitora — e perder-se num beijo, ou encaracolar-se numa careca luminosa e deserta, como a do nosso camarada Antonio de Figueiredo...

Imaginei tambem escrevê-la com os acrosticos, com a mochila alfabetica ás costas em versos enfileirados em marcha e com a banda troante da rima á frente, tocando um *passo dobrado* ou mesmo um *fox-trot*; mas essa ideia era velha, dengosa e estragada.

E continuei a escogitar processos abstrusos, novos e ignotos — e entrei resolutu no paradoxo profundo.

Podia escrever em vez da historia de todos os dias, os *Sete Dias da Historia* — ideia luminosa e unica, que faria tremer de inveja o Duse-Antonio Ferro...

Os *Sete Dias da Historia* faziam um successo excepcional e arrancariam todas as comoções de critica séria e sizuda.

Mas, como arranjá-los? — pergunta-me ao ouvido o grande *Vatel* do *Fixe*, sr. Luis Figueira — *Diz-se!*...

Respondi: — Havia os seis dias da Criação, e para completar, ariá adicionando com judiciosa escolha e de relógio aberto outras parcelas celebres: a madrugada de Henrique IV em Canossa; o quarto de hora de Rabelais; os minutos intimos do poeta Sevilha... Mas, essa ideia tambem, por erudita e difficil, foi esmorecendo e passou.

Entretanto, apareciam depois outros novos recursos, *croquis* fantasticos e deliciosas invenções; mas deviam ser os Dias em pessoa, os Dias culminantes da Humanidade (combinação engenhosa que talvez me leve aos pósteros). O Bartolomeu Dias, marinheiro grosso e roufenho que fez gemer os mares salso e ao qual eu oporia o nosso Dias guitarrista, o Dias que foi do *Trabalho*, que tem feito gemer, não digo o mar largo, mas os fadistinhas de Lisboa, as damas sentimentais e franzinas da Madrugão e os camions de excursões, que tão comodamente nos transportam até Caneças...

Passando o reclamo, não quero findar esta cronica sem ter o rasgo de originalidade que acima prometi.

Saibam, pois, que já está construída a ponte sobre o Tejo; que já temos metropolitanos; que já se patenteia á curiosidade publica o monumento de Pombal e que — finalmente! — as obras de Santa Engracia já foram dadas por concluidas...

E' ou não *original* tudo isto?

Ivinho.

Um sentimental



— Parece incrível, uma mosca na sopa!
— Que quer V. Ex.? Não podemos evitar o acto de desespero de um insecto...

BOM HUMOR

Na cadeia:
O *visitante*: — Não se sente envergonhado quando algum amigo o vem visitar?

O *condenado*: — Multíssimo! O mobiliario é pobre. O serviço domestico é pobre. A cosinha é insuportavel...

Na redacção do *Globo Terraqueo*:
A *colaboradora*: — Vou lêr-lhe o meu artigo, sr. director.

O *proprio*: — Não se incomode comigo, minha senhora. Dirija-se ao chefe da redacção.

A *colaboradora*: — Impossível! O chefe da redacção não me verá e eu faço questão de que me vejam...

— Tudo quanto faço é trabalho de cabeça.

— É escritor, então?

— Não, senhor. Sou cabeleireiro...

Entre amigas:

— A criada que tinhas está ao meu serviço.

— Oh!

— Não faças essa cara, querida Joana. Juro-te que não creio em metade do que ella diz...

— Quatro vezes já fui abandonado pelos medicos.

— Haviam-no desenganado?

— Não; é que eu não lhes pagava.

Num camarim, entre actrizes:

— Que te parece aquele critico?

— Multíssimo inteligente. Acaba de elogiar-me, dizendo que os meus braços são parecidos com os da Venus de Milo.

Ela: — Roberto, declaro-lhe pela ultima vez que não me caso comigo.

Ele: — Muito bem! Então só me resta apelar para este supremo recurso: a força bruta.

— Foste democratico, evolucionista, unionista, liberal, socialista e agora, finalmente, és integralista. Andas sempre a mudar de opinião.

— Não, meu amigo, nunca mudei de opinião. Sempre quiz ser deputado.

Ela: — Sou uma desgraçada. Vens para casa a esta hora, bêbedo de todo e ainda com uma garrafa de aguardente na algibeira.

Ele: — Não te lamentes, mulher. Está vazia...

A *patrão*: — Gostou do passeio, Maria?

A *criada*: — Muito, minha senhora. Passei uns momentos agradabilissimos.

A *patrão*: — Só assim se compreende que você tenha saído com o meu guarda-chuva e volte com uma bengala...



— Eu vinha fotografar a paisagem, mas não o posso fazer porque as chapas são capazes de se impressionar.



Sôno pesado

Um passageiro meteu-se no comboio da linha d'Oeste, das 8 e meia da manhã, que tem como terminus a Figueira da Foz, desejando apear-se na Marinha Grande, onde ia tratar duns negocios urgentes, que teriam de ser, nesse dia, resolvidos. Mas, como levasse em Lisboa uma verdadeira vida de pagode, deitando-se quasi sempre quando os outros se levantavam, dirigiu-se atenciosamente ao revisor e, metendo-lhe na mão uma nota de 20 escudos, pediu-lhe o favor de o chamar na estação da Marinha Grande porque, como já não se deitava ha duas noites, adormeceria com certeza e, como tinha um sôno muito pesado, não acordaria facilmente. Por isso, que o revisor tivesse paciencia mas que o chamasse até ele acordar, pois de contrario perderia o negocio.

«Meu dito, meu feito». Logo que se sentou, adormeceu, acordando só quando o comboio chegou á Figueira da Foz.

Furioso, dirigiu-se ao chefe da estação, contando-lhe o precalço succido por culpa do revisor que, apesar de lhe ter recebido os 20 escudos, não o tinha acordado.

O chefe da estação lembrou-lhe que talvez o revisor tivesse adoeccido, caído á linha ou qualquer coisa assim, que o impedisse de cumprir com o seu dever.

Procurado o revisor, foi encontrado são como um pêro e, tendo-o o chefe da estação increpado pelo seu desleixo, o homem desculpou-se:

— Ora essa! Na estação da Marinha Grande chamei eu o passageiro em questáo, fiz tudo que estava ao ao meu alcance para que ele acordasse completamente, dizendo-me ele, ensonado, que eu estava enganado, que não era a ele que eu procurava, que não me conhecia sequer, etc., e por ultimo, como o comboio já tivesse dado o silvo da partida, eu deitei-lhe a mala para a gare e por fim deitei-o a ele... Mas o caso mais engraçado foi que, com o comboio já a andar, ele correu até ao pé da janela da portinhola donde me debruçava, gritando-me, colérico:

«—Seu malandro! Ha de pagarmas todas! Ora o patife que está com a mania de que eu o encarreguel de me acordar...

O MARTIR DAS MUDANÇAS

O Bonifacio andava para casar. Empregado numa Companhia de seguros, estava preocupado por não encontrar maneira de poder montar casa com os 500 escudos mensais que recebia.

O Bonifacio comprava todas as semanas um centesimo — habito que ha muito possuia, na esperança acalentadora de lhe sair a sorte grande. E a sorte, que sempre se rira dele e da sua pacifica persistencia, acabara, por fim, por o contemplar, metendo-lhe na carteira o melhor de Escu. 4.000\$00 e enchendo-lhe a alma de alegria.

Agora já podia casar!

E assim fez. Alugou um segundo andar nas Avenidas Novas, mobiliou-o com certo gosto e, muito satisfeito, numa manhã enevoada, unia, no registo civil, o seu destino ao da loura D. Alice.

O Bonifacio teve, depois, a sua lua de mel:—15 dias de licença, que ele empregou o melhor que poude e o melhor que soube, na companhia da sua querida mulhersinha.

Mas, ao fim dum certo tempo, notou que as paredes do seu segundo andar principiavam a abrir frestas, que o predio estremecia todo á passagem do mais ligeiro automovel, e, num belo dia em que se preparava para almoçar, o estuque do teto da acasa de jantar desabou-lhe em cima, partindo-lhe a louça e fazendo-lhe um pronunciado galo na testa.

Mau presagio!

Bonifacio, assustado com aquele principio de desmoronamento, resolveu mudar-se. Foi habitar outro predio que lhe pareceu seguro, mas, na mudança, os gaiegos partiram-lhe, entre varias peças de louça e as estatuetas da saleta, as pernas da mesa da casa de jantar e as portas do guarda-louça.

Ao fim dum mês e quando se pre-

parava para ir pagar a renda ao senhorio, este, a pretexto de ter de fazer obras nos esgotos, convidou-o a sair.

E o Bonifacio mais uma ez se mudou e, novamente, foi mimoseado com um espelho partido, o sofá arrombado, o marmore da mesinha de cabeceira feito em três e uma redução importante nas chavenas e nos copos de vinho.

Por uma esportação matreira do senhorio, o nosso Bonifacio aliada não ficou por ali. Mudou-se de novo e, desta vez, foram os alguidares de barro e as cadeiras as victimas de inclemencia dos moços de fretes.

Bonifacio, que ao principio dera sorte com semelhante destruição, resignara-se, e por fim, a habitar uma casa diferente cada mês e a assistir, impassivel, ao desaparecimento do recheio do seu lar. Era sina sua e os fados tinham que se cumprir!

Encontrei ontem o Bonifacio. Vi-o triste, mal arranjado, com um ar de melancolia que me impressionou. Perguntei-lhe pela esposa, onde morava agora e que desgosto o pungia. E o Bonifacio, num queixume dorido, respondeu-me:

— Ah! meu amigo! Sou muito infeliz! Ao cabo dum ano e depois de ter suportado 12 mudanças, vi a minha ventura desteita por completo! A mobilia e a louça foi desaparecendo pouco a pouco; a paciencia esgotou-se; minha mulher aborreceu-se e fugiu com um vendedor de gramofonos; e, na Companhia de Seguros, mandaram-me embora, alegando que a minha cabeça não regulava bem e que me enganava nas avaliações.

Sem mobilia, sem louça, sem casa, sem mulher e sem emprego, hoje, eu, que tive e agora não tenho, peço a protecção do publico...

T. los Copio.

Guardado está o bocado

Uma senhora que era casada com um caixeiro viajante, assim que este partia para a viagem, como era muito medrosa, escrevia logo a um primo para vir fazer-lhe companhia.

Sucedeu, porém, que, uma das vezes, bateram á porta alta noite e era o marido que, tendo partido á tarde, regressava inesperadamente, por ter adoeccido em Santarem e não querer ficar ali.

Naquela atrapalhão, a esposa do caixeiro-viajante só teve tempo de esconder o primo no guarda-vestidos e foi abrir a porta.

O marido deitou-se e, devido ás dôres de estomago e do reumatismo, não conseguiu dormir durante três dias e, por consequencia, a mulher não poude dar alimento ao primo. Ao quarto dia, o marido, sentindo-se melhor, seguiu viagem. Apenas ele saiu a porta, a mulher correu ao guarda-vestidos e, esperando encontrar um cadaver, qual não foi o seu espanto quando viu o primo muito alegre, a rir-se da aventura, e naturalmente perguntou-lhe:

— Então não morreste? Como te alimentaste?

O primo respondeu: — Encontrei no guarda-vestidos um frasco, tirei a rolha, cheirei, cheirei-me a conserva e disso me tenho alimentado.

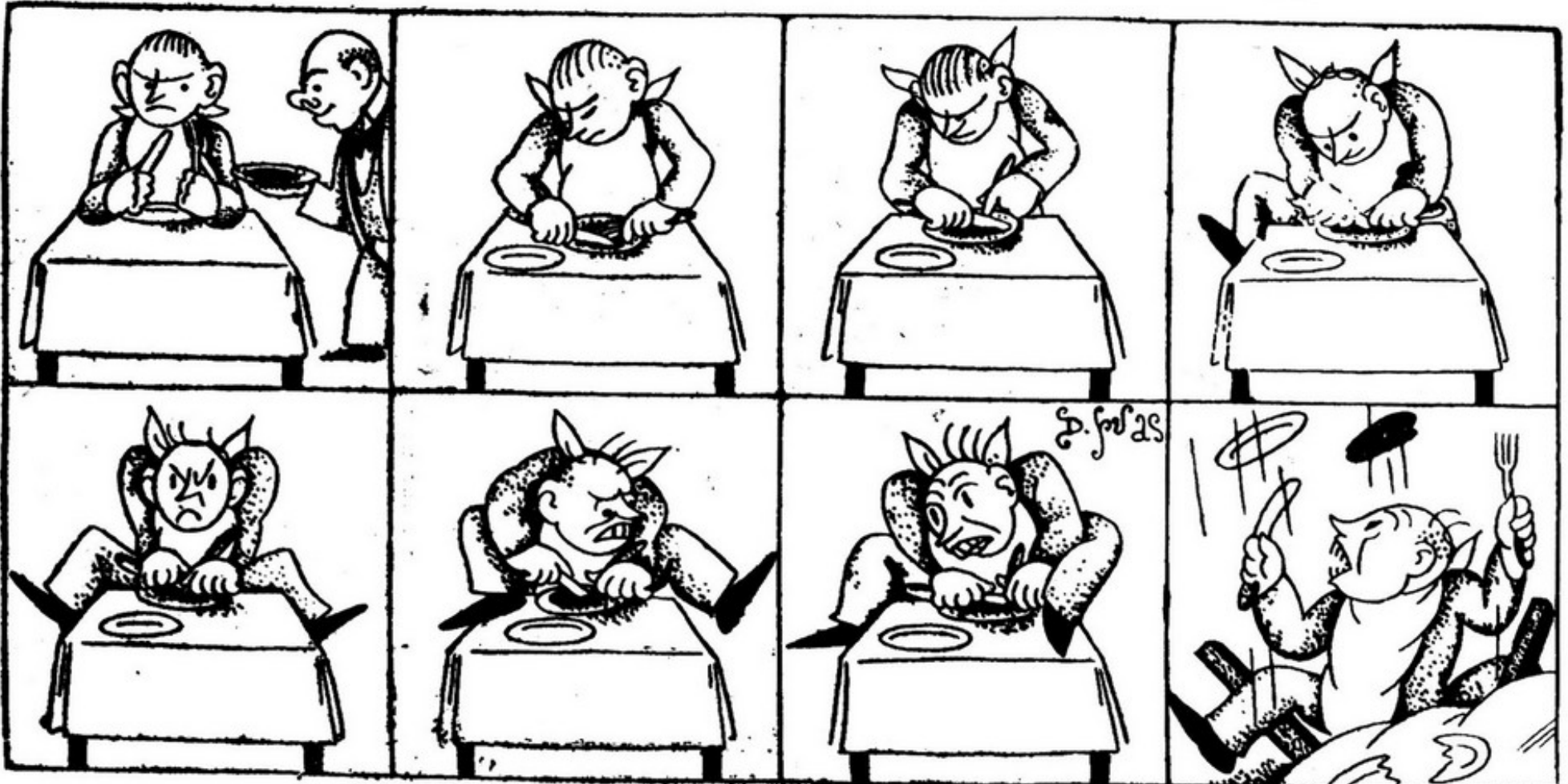
— Ai Jesus! — gritou ela — Dentró desse frasco estava um feto!



— Que raparigas tão interessantes que o teu marido pinta. Quem lhe serve de modelo?

— Eu.

CONTO MUDO



O BIFE DURO

A NOVELA DO "FIXE"

O MONUMENTO

Aristides Piçarra, bemquisto e honrado comerciante de Moncarrapacho, onde tinha uma bem afreguezada loja de mercearia e capela, viu-se de repente investido nas funções de presidente da Comissão Pró-Monumento ao Dr. Paz Graíinha, que fora no tempo da Outra Senhora estimado e benemerito clinico daquela região. Fora o caso que o doutor morreu, mas jamais as suas maravilhosas panecás foram esquecidas nem a sua bendita memoria se apagara das mentes dos conterraneos de Piçarra, que um dia, na loja, conversando com alguns dos seus visinhos, teve esta frase de iluminado, que foi acompanhada dum formidavel murro sobre o balcão:

— Raios me partam! Não seja eu mais Piçarra se nesta terra não se levantar uma estatua ao dr. Graíinha!

Piçarra lavrara a sua sentença. Dias depois, formava-se uma comissão, com o Piçarra á cabeça, e ella que vem para Lisboa á procura do mais perfeito modelo da mais galharda attitude em que devia ser esculpido o dr. Paz Graíinha.

* * *

Mal a comissão acabara de desembarcar no Terreiro do Paço, o Lucas, barbeiro de officio e secretario da comissão, olhando o D. José a cavallo, exclama:

— Não precisamos ir mais longe. Ali está o que nos convém! O dr. Graíinha montado no seu cavaço, na sua visita ás aldeias!

— Estás louco! — retruquiu o Piçarra — O cavallo do doutor não tinha penacho e ele, que eu saiba... nunca teve chapéu arnado!...

E com esta frase colossal, que na boca do presidente era uma escriptura, a comissão pôs-se em marcha, direita a Santos, ao monumento de Sá da Bandeira. Olharam-no por todos os lados. A comissão achou o soberbo, imponente mesmo, mas o nosso amigo Aristides Piçarra de novo desfez as illusões daquele punhado de bem intencionados.

— Não pode servir para modelo porque aquele trabalho está incompleto. Pois vocês não veem que aque-

le homem é môcho, que lhe falta um braço, e que o nosso doutor era são e escorreito?!

E a comissão, cabisbaixa, partiu de novo, direita ao Cais de Sodré. O «Homem do leme» não podia adequar-se, nem o Duque da Terceira, porque nem o doutor era marítimo e, quanto a militar... só em pequeno é que brucara aos soldados. E seguiram Rua do Alecrim acima, direitos ao Camões.

Ao passar ao Largo do Barão de Quintela, a comissão deteve-se por instantes olhando o Eça de Queiroz nos braços da «Fantasia», mas logo o Anastacio, fanqueiro, que occupava o lugar de tesoureiro da comissão, não os deixou olhar por muito tempo porque exclamou á queima-roupa:

— Era o que faltava que esse modelo lhes servisse! O nosso doutor

nos braços duma amante! Ele, o nosso doutor, que nem sequer foi casado!!!...

O Anastacio tinha razão. E de novo se puzeram a caminho, para parar outra vez junto da estatua do Principe dos Poetas Portuguezes.

— E que me dizem a isto? O nosso homem lá no alto e nós todos, os da comissão, por baixo e á roda... — disse o Piçarra, olhando embêvecido o Camões.

— Ora o vaidoso! — obtemperou o Lucas barbeiro. — Esta também não serve! O Dr. Paz Graíinha nunca soube fazer versos, nunca foi cego, e nós nunca lhe chegámos aos calcanhares, como aqueles lhe chegam!

E o Lucas, satisfeito com o seu argumento, apontava com a sua mão aveludada de mestre escama as diversas personagens que rodeiam o pedestal da estatua.

Ainda não servia aquele modelo! Onde encontrar, pois, a almejada personagem que incarnasse em pedra a fórma, a attitude, os habitos, os gostos, a sciencia e a bondade do Dr. Paz Graíinha?

Impossivel! A comissão desanimou. Ainda foi ao Rossio vêr o D. Pedro IV, mas, como estava lá muito alto, não puderam apreciá-lo bem. Meteram-se num taxi e foram vêr a estatua do Marquês de Pombal, mas o marquês estava ausente... em parte incerta. Foram vêr o Duque de Saldanha, mas o Dr. Paz todo elle era paz, nunca fora guerreiro e nunca usara barba.

Desiludida, a comissão resolveu voltar a Moncarrapacho e encarregar o mestre d'obras de lhe fazer um desenho qualquer, um projecto dele, enfim qualquer coisa, pois elle conhecera o homem e talvez mais facilmente pudesse definir em pedra os sentimentos dele, mas, para voltarem ao Terreiro do Paço, passaram pelo Largo do Municipio, e o nosso inclito Piçarra, por acaso, detou de sustaio os olhos para a frontaria da Camara Municipal. Foi uma revelação.

— Lá está elle! Lá está elle! — exclamava a plenos pulmões o nosso presidente, dando uma grande palma, da nas costas do Lucas, enquanto fôdos segulam com a vista á direcção da outra mão que, tremula, vermelha como um tomate, apontava o Fróntão, que lá no alto se quedava impassivel ante aquella explosão de entusiasmo.

— Ah!!! — disse toda a comissão em côro, sentindo o rubor subir-lhe ás faces.

— O Dr. Paz Graíinha, o nosso benemerito, naquela figura indecente?! — disse o Anastacio, indignado.

— Sim, sim — respondeu o Piçarra — pois tu não sabes, minha besta, que o Dr. Graíinha era naturista?!

E toda a comissão, ante tão formidavel logica de ferro, se curvou, rendida, ante o nosso genial Piçarra, concordando que a melhor attitude para apresentar um medico naturista era... apresentar um medico ao natural!...

Fernand'Almiro.

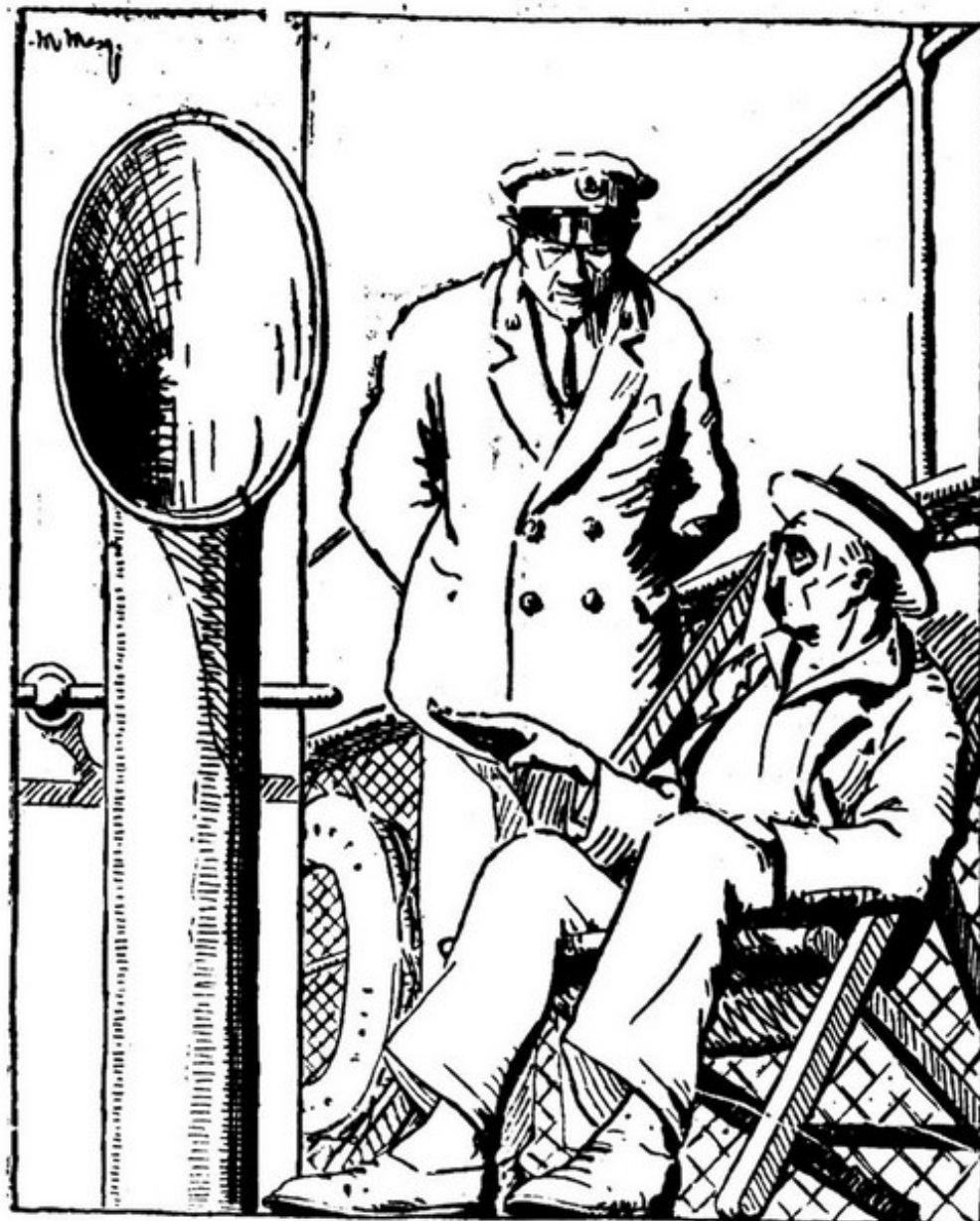


!! Não queira ficar assim !!

USE A **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO 8000
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanhoiros, 84. 1.º D.-Lisboa

NEM TUDO QUE LUZ...



— Faz favor de me dizer se este «haut-parleur» funciona? Estou aqui desde pela manhã e ainda não consegui ouvir nada.



— Antes de casar contigo deveria ter usado óculos.
— Tens razão, meu amor... eu devia estar cego nessa época...



— Sinto-me embriagado ao bejar-te!
— Não digas isso, filhinho... olha que não tenho amonico em casa!



A maior fita falada da semana é a celeuma suscitada no meio cinematográfico pela intrincada exibição do filme *Beau Geste*. Jornais houve que, numa ancia patriótica digna de melhor sorte, traduziram muitíssimo libérrimamente a epigrafe para *Um belo gesto*. Serviu-lhes de muito. O patriotismo foi-se pelo celuloide abalxo, amalgamado com um gesto tricolor que não se pode chamar, positivamente, belo.

A sala exhibidora, com a sua preocupação de estar *toujours à la page* — é sabido o seu horrór por saias e cabelos compridos — cortou a película á Joãosinho; e como os artistas nacionais não lhe merecem grande confiança, apesar de aparelarem á inglesa na perfeição, contrataram especialmente um conhecido cabeleireiro francês. Não sei como não raparam o bigodinho ao Ronald Colman e cortaram á la *Ninon* a careca carloca do Nicolino...

Oxalá seja só por esta vez, pois, aqui muito para nós, isto não é muito *flâneur* para os *coiffeurs* cá da *patrie*.

Se Mestre Rafael Bordalo ainda fôsse vivo, havia de modelar uma nova estatueta em louça das Caldas: um Tio Sam, simbolo dos E. U. A., esboçando o *beau geste* que consagrou o nosso *Joé Little People*...

Outra fitosa das boas são as apreciações do publico acerca do *Rei dos Reis*. O alvo preferido dos dislates — o Politeama parece uma carreira de disparate ao alvo... — é o pobre do H. B. Warner, a quem também chamam o *40 H. P. Warner*. Uns garantem que, como a chapelaria ainda era, nesse tempo, uma chamelaria, o Cristo não andava de chapéu de côco, — e só assim se admitiria a sua cabeleira. Outros que Ele era muito mais novo, pois tinham sido condiscipulos. Ainda outros protestam contra as sortes de prestidigitação que Ele prepara e realiza, com um sorrisinho de ilusionista irritante.

Mas não é só contra o fotogénico Rabbi que investe a furia dos espectadores. Ha quem afirme que a Madalena não andava no luxo, por ainda não haver *patos*; que o Pilatos tinha trombas de castanha *pilata*, que resava o *responcio* e que lavou as mãos com sabonete; que, se o Judas tivesse aquefa cara, até era perigoso andar a beijar os homens; que só se possuísse uma *Valet-Strop* é que podia andar assim tão barbeadinho; que, sem licença, não poderia usar *Isquetriote*; que o Lazaro era muito mais lazarento; que o Simão Cireneu era galego e andava de pau e corda; que as columnas do templo de Herodes... do mar não eram corínticas, mas sim absinticas e estonicas; que a mãe de Jesus não andava de rabona; e muitissimos mais *etceteras*. Desfazem nas legendas, que dizem pejudas de erros... officiais da nova ortografia. Fariseu sem *ph*, e outros. Mestre Avelino já anda a dizer a toda a gente: — Mas para que *fariseu* isto?

Na adaptação musical tem malhado tanto, que consta que vão canónizar S. Flaviano Rodrigues, martir. Queriam que ele tocasse o *Barabás, Barabás...* que *impressão me faz, no Ecce homo, o Maria!* São *teus olhos azeitonas*, na aparição de Nossa Senhora, e, na ascensão, aquela musica tão bonita que começa assim: *Subi ao ceu!*... (*Pó-pó, pó, pó...*)

Finalmente, censuram á fita a falta de scenas capitais como a da D. Veronica, a segunda e a terceira queda, os reis magros, a Samaritana, a partida de S. Vasco da Gama e a descoberta do Brasil.

Na minha opinião, ha apenas um episodio que eu não perdoo a supressão ao meu primo Cecil de Mille, e de que ainda ninguém sentiu a grande falta: — o conhecido episodio do Judas no deserto...

Retardador.

A scena culminante

Numa daquelas recitas de amadores em beneficio, ou melhor em prejuizo de qualquer instituição de caridade, que ficou apenas com a fama e sem o proveito, chegada a hora do espectáculo, verificou-se que faltava um figurante.

E também se constatou que era mais difficil encontrar um figurante do que um actor principal, porque ninguem queria entrar senão para fazer figura.

A todos se afigurava que um simples figurante nunca poderia figurar. E ninguem aceitava. *Démarches* sobre *démarches*, alvoroço, confusão e nada. Era mais difficil arranjar um comparsa do que um ministro em tempo de crise ministerial.

Por fim, a poder de longas buscas, topou-se um rapazote que, depois de cerrada e convincente argumentação, acedeu ao convite, por lhe garantirem que o seu gesto tinha muito de sublime, por salvar a companhia de tão grandes embaraços.

O rapaz era, de facto, dos de se convencer com tais cantigas porque era estúpido como meia duzia de portas sortidas.

Como o seu papel era simples, este seu predicado não pareceu prejudicial ao bom exito da scena em que tinha de entrar.

Tratava-se duma peça muitissimo dramática, com varias mortes ao natural e outras com mólho de vilão e pancadaria, e a scena que requeria a sua intervenção representava uma especie de milagre, em que o rapaz devia representar de morto, levantando-se á voz potente dum Messias de longas barbas brancas.

Informado o novo actor de que não tinha mais que obedecer ás palavras do referido Messias miliciano, todos ficaram tranquilos e seguros do exito da scena culminante.

O rapaz não tinha que falar e não

havia, portanto, receio de confusões. No seu papel de morto não tinha mais que estar mudo e quedo como penedo que de facto era pelo espirito e depois da ressurreição, só tinha que raspar-se de novo para os bastidores. Não havia, portanto, engano. E a peça começou.

Tudo foi correndo bem; mas as mortes não tinham causado o desejado *frisson* na plateia e nenhuma tirada sensacional conseguira ainda arrebatrar, empolgar o publico, quando o pano subiu para a grande scena culminante do milagre.

O figurante, estendido sobre um leito suntuoso, estava palido e tremulo de emoção, como se estivesse desempenhando a sua propria morte.

Então, o Messias das barbas, num gesto largo, bradou:

— *Surge et ambulat*, levanta-te e caminha...

O morto, tremendo como varas verdes, pôs-se de pé no sobrado, olhando o Messias, com o aspecto do galucho esperando a voz do instrutor.

Perante a indecisão do ressuscitado, o Messias, já fóra do papel, ordenou de novo:

— Levanta-te e caminha!

O morto olhava para ele, olhava para o leito, numa inconsciencia perfeitamente cadaverica e nada, não arredava pé.

O Messias, mais uma vez fóra do papel e já um pouco fóra de si, tornou mais imperiosamente e já com os olhos fuzilando:

— Levanta-te... e caminha...

Então, o infeliz ressuscitado, numa agonia muitissimo verdadeira, protestou:

— Mau... assim é que não entendo! Ou bem que me levanto ou bem que vou para a caminha!!!

O pano calu logo desfalecido e foi um triunfo... de gargalhada.

A. C.



— E levas essas garrafas de vinho do Porto no aparelho?

— Levo, porque?

— Oh menino, isso não é um aeroplano: é um aeroporto...

Uma vitima dos telefonos

Zeferino Penêdo (vocês conhecem, o grande geologo!) deseja uma ligação telefonica urgente com o seu amigo Honorato Tralinhás (que vocês também conhecem, o grande geometra):

— Trrim... Trrim... Está lá?

Meia hora depois, vendo que ninguem lhe responde, volta á carga:

— Está?... O' minha boa e amavel menina, não fazendo de si minha criada, tem a extrema gentileza de me ligar para o numero 4-5-5-4 Norte! Não! Não! 4-5-5-4... uma capicua, minha boa menina, uma capicua!

Uma hora depois, Zeferino, impaciente, esguedelhado, com o fato em desalinho, procura por todas as fórmulas comover a prestavel funcionaria, que se mostra irreductivel:

— Minha senhora: V. E. X. A., que se mostra sempre de tão boa vontade, tão amiga de fazer favores a todos os subscritores da rede, queira ter a bondade de me ligar para o numero que lhe pedi!

Passam-se três longos quartos de hora; Zeferino, destilando suores frios, de joelhos e mãos postas, implora a misericordia divina. Subito, com uma intensa alegria, ouve uma voz meliflua dizer das profundas do auscultador: «Está lá?» Agarra-se com ancia ao aparelho, julgando a sua ligação feita, mas com um espanto que lhe abala todas as visceras, ouve uma voz muito doce dizer: «E' Norte ou Central?»

Tem ganas de despedaçar o maldito telefone, mas, vendo que pela violencia nada consegue, serena com um esforço violento:

— E' Norte, minha querida senhora; ouça: se me fizer esta ligação, ofereço-lhe um quilo de amendoas!...

Decorre um longo e cruel quarto de hora! O pobre Zeferino passava na *cabine* como leão na jaula! Solta tremendas pragas ás meninas, que fazem do telefone, em vez dum aparelho util á humanidade, um flagellador da dita!...

De repente, oh, alegria das alegrias, a campainha retine!! Como outr'ora, na batalha de Aljubarrota, os portugueses se atiraram aos espanhóis, Zeferino não desmentiu. Jo a raça, atira-se ao telefone e, quando esperava a sua ligação obtida, ouve — oh! tremenda decepção! — uma voz que, com amarga ironia e ao mesmo tempo com a maior naturalidade do mundo, lhe diz: «E' impossivel ligar, está impedido!»

Então não se contém e, rangendo os dentes, berra, perdendo as estribeiras e dez anos de vida:

— Tenho visto gente cruel! Tenho visto gente teimosa! Tenho conhecido gente irascivel... mas, como uma menina dos telefonos, nunca vi!!!

Olha um momento para o aparelho num espasmo feroz, e de repente, num acesso de loucura, puxa a pistola e desfecha-lhe sete tiros de uma assentada!!

Acabo de lêr com espanto no *Diario de Lisboa* que o distinto geologo Zeferino Penêdo, depois de ter um violento ataque de loucura, deira entrada no «Manicomio Bombardas»!

Migue! Bombar, filho.

A MODA E OS ANIMAIS



— Não negues. E' uma dama muito elegante.

— Não nego, mas has de reconhecer que anda sempre com a mesma pele...

A LEI SECA



O Saca-rolhas — Tenho de contentar-me só com a agua do Alviela.

A Primavera

Os ultimos desafios



—E' delicioso este tempo.
—Não admira. Estamos na Primavera...



— Que impanzinadela de passas do Algarve e arrufadas de Coimbra...